

HELENA CHAGAS



de Brasília

Caiu a ficha

• Na visita a Camp David na semana passada, Fernando Henrique Cardoso avisou ao presidente dos EUA, Bill Clinton, que vai sair do circuito internacional nos próximos meses, pois precisa se dedicar mais a viagens e questões internas para se reeleger em outubro. Clinton lamentou, aproveitando para elogiar o colega brasileiro. Disse que FH é hoje um importante líder no cenário mundial e que não pode deixar de ocupar esse espaço.

Mas o norte-americano entendeu perfeitamente a situação. Ele mesmo teve que suar a camisa há um ano e meio para se tornar o primeiro presidente democrata a se reeleger em seu país desde Franklin Roosevelt. Teve o crescimento econômico como principal cabo eleitoral e conseguiu superar problemas com um congresso republicano nos calcanhares e investigações sobre sua administração. Sobreviveu a Paula Jones, Monica Lewinsky e outras tantas.

Clinton desejou, com toda sinceridade, boa sorte ao brasileiro.

Além de fazer bem ao ego de FH (que ultimamente deve andar precisando de alguns afagos), a conversa não moveu uma pedra, ou um voto sequer, na campanha eleitoral. Mas vem sendo citada por políticos que freqüentam o Palácio do Planalto como o melhor exemplo da convicção presidencial da necessidade de mudar de atitude depois da queda nas pesquisas detectada há duas semanas.

A partir desse relato, feito pelo próprio FH na volta ao Brasil, os preocupados políticos — situados principalmente no PFL e no PMDB — passaram a ter certeza de que Fernando Henrique entendeu o recado do eleitor insatisfeito e decidiu mudar radicalmente seu comportamento diante da campanha e da eleição. Ou seja, como dizem no popular, finalmente caiu a ficha.

O processo contra Lula por calúnia, o cancelamento oficial das viagens internacionais, a aceleração nos preparativos para instalação do comitê da campanha e a mudança no discurso do presidente nos últimos dias reforçaram essa certeza. O anúncio de novos programas no Palácio do Planalto também encheu de esperanças os aliados.

Ontem mesmo, pefelistas festejavam a entrevista dada por FH à imprensa pernambucana em que ele criticou o governador Miguel Arraes e adotou postura agressiva de candidato. Aprovaram também a agenda cheia de viagens e compromissos.

Se isso é um bom início, somente o eleitorado vai dizer nas próximas pesquisas.

Mas o fato é que, com todas as brigas internas que existem e ainda virão por causa da concepção da campanha, do discurso ideal e até da "teoria do caos", pefelistas, peemedebistas e tucanos convergem nisso: FH começa a ficar mais próximo do modelo de presidente-candidato com que seus aliados sonhavam.

Mas a relativa desenvoltura com que o presidente começa a operar a mudança deixa no ar uma indagação: por que não fez nada antes, quando começaram a aparecer indícios de insatisfação no eleitor?

Há pelo menos cinco meses o presidente vinha sendo alertado por políticos aliados acerca de problemas que poderiam lhe render dores de cabeça, como a seca do Nordeste, a quebra dos agricultores e as dificuldades por que passam os microempresários. Os pequenos agricultores e empresários, aliás, estão entre aqueles que votaram em FH em 1994 mas que tendem a não repetir seu voto se, até outubro, o Governo nada fizer por eles.

Fernando Henrique ouviu esses alertas mas — na época ainda reinando numa aparentemente inabalável liderança nas pesquisas — talvez não os tenha levado tão a sério quanto poderia. Avisado por políticos da região da seca, adiou várias vezes uma visita ao Nordeste, onde chegou quase junto com Lula e Ciro Gomes. Nem se preocupou, tampouco, em dar mais visibilidade a programas importantes como o Pronaf, que está destinando R\$ 500 milhões para empréstimos ao pequeno agricultor.

Os políticos atribuem essa atitude a um muro que a tecnocracia do Governo teria erguido em torno do presidente, afastando-os das decisões. Ressentem-se da falta de alguém do ramo dentro do Palácio do Planalto, participando do dia-a-dia de Fernando Henrique. Queixam-se de que os tecnocratas, pouco entendidos nas manhas da política, constroem para FH um panorama cor-de-rosa da situação e o distanciam de preocupações concretas da eleição.

É certo que ele tem como conselheiros políticos raposas experientes como Antônio Carlos Magalhães, Jorge Bornhausen, Eliseu Padilha e Tasso Jereissati, entre outros. Mas mesmo esses às vezes são surpreendidos por certas decisões presidenciais. A designação de Euclides Scalco como coordenador político da campanha, por exemplo, pegou de surpresa até o tucanato.

Por conta do novo figurino do presidente (que, evidentemente, deve ser acompanhado de medidas mais efetivas de governo), os políticos afirmam estar estancada a queda nas pesquisas. Não se sabe até que ponto é constatação ou torcida. As duas semanas que abalaram a eleição foram ricas em recados. Os políticos acham que FH entendeu o seu. Agora, ele é que terá que provar isso ao eleitor.